

Por uma entrevista transgressora com Carlos Rodrigues Brandão

For a transgressive interview with Carlos Rodrigues Brandão

Por una entrevista transgresora con Carlos Rodrigues Brandão

Sílvia Guimarães¹

Recebido em: 20/09/2021

Aceito em: 11/11/2021

Resumo

Entrevista com o Professor Carlos Rodrigues Brandão, professor emérito da UNICAMP, sobre sua vivência nos movimentos sociais que consolidaram o Sistema Único de Saúde (SUS) e neste contexto pandêmico. Carlos Brandão apresenta uma reflexão sobre as ações do fazer antropológico em movimentos sociais e na produção de conhecimento antropológico, traz a potencialidade do conceito de “pesquisa participante” e faz uma reflexão sobre este momento pandêmico por meio de conceitos que explodem em práticas e posicionamentos.

Palavras-chave: Covid-19, Direito à Saúde, Antropologia.

Abstract

Interview with Professor Carlos Rodrigues Brandão about his experience in social movements that consolidated the Unified Health System (SUS) and in this pandemic context. Carlos Brandão presents a reflection on the actions of anthropological practice in social movements and in the production of anthropological knowledge, brings the potential of the concept of “participant research” and reflects on this pandemic moment through concepts that explode into practices and positions.

Keywords: Covid-19, Right to Health, Anthropology.

¹ Coordenadora do Laboratório Matula, professora do Departamento de Antropologia-UnB e do Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais (MESPT/UnB). E-mail: guimaraes.silvia@gmail.com.

Resumen

Entrevista con el profesor Carlos Rodrigues Brandão, profesor emérito de la UNICAMP, sobre su experiencia en los movimientos sociales que consolidaron el Sistema Único de Salud (SUS) y en este contexto pandémico. Carlos Brandão presenta una reflexión sobre las acciones del hacer antropológico en los movimientos sociales y en la producción de conocimiento antropológico, aporta el potencial del concepto de “investigación participante” y reflexiona sobre este momento pandémico a través de conceptos que estallan en prácticas y posiciones.

Palabras clave: Covid-19, Derecho a la Salud, Antropología.

Carlos Rodrigues Brandão, professor emérito da Universidade Estadual de Campinas, estabeleceu um diálogo/entrevista comigo ou, em suas palavras, “uma entrevista transgressora”, quando me apresentou reflexões sobre este momento pandêmico que vivemos e o direito à saúde garantido pela nossa Constituição Federal de 1988. Esta entrevista foi realizada via email, está baseada em respostas a perguntas, mas também em relatórios, artigos, capítulos e outras produções que Carlos Brandão escrevera e me apresentou. O professor me deu liberdade em estruturá-la por aqui, onde compartilho orientada pela inspiração que este educador e antropólogo tornou-se para muitas e muitos de nós.

O tema ou fio condutor desta conversa pretende conectar dois momentos da trajetória de Brandão, que se relaciona com o direito à saúde que o Brasil apresenta hoje. Um desses momentos aconteceu em fins da década de 1970, quando ele estivera presente nas ações da diocese de Goiás com pessoas que atuavam junto a Dom Tomás Balduino. Nesse momento, o Carlos Brandão em conjunto com um coletivo de produtores rurais, profissionais da saúde e educação buscaram os desenhos de um direito à saúde universal que culminou com o direito à saúde que temos hoje. Seguimos o fio aos dias atuais quando o Sistema Único de Saúde (SUS) sofre um desmonte assim como o direito à saúde está ameaçado.

Antes de trazer suas reflexões, faço um prelúdio apresentando momentos quando ouvi o professor, para além das leituras inspiradoras de sua obra que já realizei. Lembro-me de Brandão nos Seminários do DAN, na década de 1990, quando fazia quase uma ode ao trabalho de campo antropológico e como escolhia estar sempre em lugares e com gentes bonitas, o que enchia a vida de vida. Ponto importante do trabalho de campo para o professor é o desenho de uma “*pesquisa participante*”, prática e conceito cunhado pelo professor (2006). De acordo com ele, a pesquisa participante vem de uma tradição latino-americana e tem como princípio o fato de que a ciência nunca é neutra, menos ainda objetiva. Assim, a contribuição de uma ciência está na busca coletiva de conhecimento que torne a pessoa mais instruída e sábia, mas também, justa, livre, crítica, criativa, participativa, co-responsável e solidária. Brandão segue afirmando que toda ciência deve servir a política emancipatória e participar da criação de éticas fundadoras de princípios de justiça social e fraternidade humana. Inspirado em Paulo Freire e em tantos movimentos populares, realidades sociais concretas que mobilizaram indígenas e populares em resistência contra a colonização, Carlos Brandão delineia o conceito de *pesquisa participante*, o qual está:

(...) quase sempre à margem das universidades e de seu universo científico, embora parte de seus principais teóricos e praticantes provenha delas e nelas trabalhem. Apenas alguns anos mais tarde, e com resistências, algumas teorias e práticas da pesquisa participante ingressam no mundo universitário latino-americano e de modo geral, mais pelo trabalho de estudantes e raros professores também ativistas de causas sociais, do que pelo de docentes e pesquisadores de carreira. (...) A pesquisa participante apresenta-se como uma alternativa de “ação

participante” em pelo menos duas dimensões. A primeira: agentes sociais populares são considerados mais do que apenas beneficiários passivos dos efeitos diretos e indiretos da pesquisa e da promoção social dela decorrente ou a ela associada. Homens e mulheres de comunidades populares são vistos como sujeitos cuja presença ativa e crítica atribui sentido à pesquisa participante. Ou seja, uma pesquisa é “participante” não porque atores sociais populares participam como coadjuvantes dela, mas porque ela se projeta, realiza e desdobra através da participação ativa e crescente de tais atores. Segunda: em outra direção, a própria investigação social deve estar integrada em trajetórias de organização popular e, assim, ela deve participar de amplos processos de ação social de uma crescente e irreversível vocação popular. Uma articulação de ações de que a pesquisa participante é um entre outros instrumentos. Um instrumento científico, político e pedagógico de produção partilhada de conhecimento social e, também, um múltiplo e importante momento da própria ação popular. Esta alternativa de investigação social é “participante” porque ela própria se inscreve no fluxo das ações sociais populares. Estamos em uma estrada de mão dupla: de um lado a participação popular no processo da investigação. De outro, a participação da pesquisa no correr das ações populares. Recordemos que com Orlando Fals Borda a proposta da pesquisa participante deveria desaguar na progressiva construção de uma ciência popular. Uma nova ciência capaz de pensar-se, de pensar o mundo social e de pensar as transformações sociais de uma maneira dialética realizada a partir da presença, da posição e dos interesses das classes populares (BRANDÃO, 2006: 4, 9 e 10).

Imerso no mundo rural do Brasil, Brandão esteve presente em momentos políticos marcantes enfatizando a discussão sobre o Estado brasileiro e a produção de outras epistemologias. Por isso, sua obra está tão presente e é respeitada na educação e saúde popular, arenas que criaram terreno criativo e de muita mobilização social em busca de direitos constitucionais. Em 2015, revejo o professor no Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), com o grupo da educação popular em saúde, fiquei feliz por ver um antropólogo atuando ao lado de sanitaristas. Nesse momento, em especial, Carlos Brandão lembrou os tempos quando atuou ao lado de Dom Tomás Balduino, de médicos e outros profissionais de saúde, assim como de lavradores, meeiros, lavadeiras envolvidas em uma mobilização/pesquisa no interior de Goiás. Segurava um catavento ao longo de toda sua palestra e recordava da fala de uma das lideranças, lavradora, que anunciava no final da década de 1970 e início de 1980 um novo caminho a trilhar: “*Chama que alumia, catavento que sopra anuncia os ventos da educação popular e saúde na espiral, o caminho para o mundo novo que almejamos*”. Para mim, professora de uma universidade pública, via ali o encantamento e a certeza sobre onde deveria fincar meu chão acadêmico/político.



Professor Carlos Rodrigues Brandão, Congresso da ABRASCO, 2015.

Foto: Sílvia Guimarães

Carlos Rodrigues Brandão defendeu a primeira dissertação de mestrado no Departamento de Antropologia onde hoje leciona. Fez seu mestrado entre 1972 e 1974, sob a orientação de Roberto Cardoso de Oliveira, que veio a ser, em suas palavras, “um querido amigo e companheiro de trabalhos na UNICAMP”. De acordo com ele, em 15 de agosto de 1967, iniciara sua vida de professor na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. E seguiu a vida acadêmica até receber o título de professor emérito da UNICAMP. Autor de uma vasta obra que é marcada pelo sentimento da partilha, o professor transitou pela antropologia rural, aprofundando o debate com a educação popular e saúde popular, até adentrar o mundo da poesia. E é um grande ativista, assim ele explica o início de seu envolvimento com os movimentos sociais:

Até março de 1961 (sessenta anos, no ano que vem) eu era o autêntico “Menino do Rio” (de Janeiro). Preocupado em escalar montanhas,

mergulhar e nadar na Praia do Arpoador, frequente os então “arrasta-pés” (bailinhos caiseiros” e “namorar as meninhas”. Em 1961 ingressei ao mesmo tempo na PUC do Rio e na Juventude Universitária Católica.

Minha vida mudou inteiramente em um mês. Tornei-me um jovem estudante “engajado na PUC” e militante estudantil. Estive presente em reuniões de criação da Ação Popular (braço político da JUC) e, depois, movimento clandestino. Em 1963 fui contratado para trabalhar no Movimento de Educação de Base, também da Igreja Católica. Até hoje o considero o mais longevo, ativo e criativo movimento de educação popular que conheci no Brasil e fora do Brasil. Isso sem considerar como tal os movimentos diretamente populares, como o MST (que em alguns momentos assessoriei e para o qual escrevi dois pequenos livros, um deles de poesia).

Trabalhei como assessor de movimentos e articulações principalmente vinculados ao “mundo cristão militante” (muito mais militante do que pessoas, sobretudo da Academia pensam ou imaginam). Fui integrante do Centro Ecumênico de Documentação e Informação e do Instituto de Estudos da Religião (dois movimentos ecumênicos e muito ativos durante a ditadura). Fiz viagens clandestinas pela América Latina difundindo ideias de Paulo Freire e da educação popular, de cuja difusão pelo Continente participei ativamente. Meu primeiro livro sobre a educação popular teve mais de 15 edições em vários países. Saiu em um livro de um amigo uruguaio, Júlio Barreiro (1984), que esse livro é considerado o primeiro em que a expressão: “educação popular” aparece em um livro. Trabalhei anos e anos, inclusive em duas pesquisas participantes (uma delas O Meio Grito) com a Diocese de Goiás. E com outras, inclusive junto a

Dom Pedro Casaldáliga (comentário encaminhado pelo Professor Carlos Brandão, em novembro de 2020).

Além de toda vida que entrelaça academia e militância, o professor é um poeta. A seguir trago a poesia *O Abraço*, encaminhada a várias amigas e amigos no final do ano de 2020:

O ABRAÇO

De longe, amigo, amiga
desde a janela eu te vejo,
e vejo o teu rosto
distante... na janela.

E sei que de lá me vê:
Um ser? Um quem?
Um rosto? Um corpo?
Um vulto? Um alguém?
Ou, quem sabe?
uma figura acaso
pintada numa tela,
e à espera do que?
de quem? Um “o que?”

Uma miragem lá, agora,
e ao longe e tão perto?
Um rabisco na paisagem?
Um mero breve traço
como a ave que ao vento voa
e no vento vai embora.
Não sei como de lá me vê
se é que me vê de lá
de repente... e ao acaso.

Mas de uma coisa,

amiga, amigo
que de longe vejo, eu sei:
tenho saudades de ti
que mal conheço
e que longe, está aqui,
e de longe está comigo.
E se longe eu te aceno
de perto, no afeto,
amigo, amiga,
eu te abraço.

Carlos Rodrigues Brandão
Em algum dia de 2020, quando eu cheguei aos
80 anos.
E quando aprendemos que se amamos alguém
de longe, não devemos chegar perto.

Seguindo os encontros com Brandão, em 2015, no congresso da ABRASCO, eu estava presente quando as pessoas queriam ouvi-lo sobre como foi o tempo quando atuou na diocese de Goiás. Em uma de suas falas, ele afirmou que naquele tempo (fim dos anos de 1970) presenciou pequenos lavradores tendo que vender seus sítios para poder pagar o tratamento de saúde de um familiar na cidade. Essa situação como outras que expunham esses trabalhadores a situações de precarização de suas vidas desencadearam a proposta de pensar conjuntamente com esses pequenos lavradores o que seria o direito à saúde. Assim, a partir de uma mobilização promovida pela diocese, esses pequenos lavradores e pesquisadores acadêmicos/ativistas passaram a questionar que a saúde: “(...) não seria um problema deles, para eles resolverem, mas sim do Estado e assim surgiu a Lamparina”, uma cartilha em que todo este movimento/pensamento/sentimento estava entrelaçado. E foi desencadeado por um fazer etnográfico, que mais

tarde Carlos Brandão denominou de “pesquisa participante”.

Essa foi uma das muitas ações dinamizadas por movimentos sociais por todo o Brasil que adentraram o processo constituinte. Como um mosaico vibrante de resistências em todo Brasil, esses movimentos sociais construíram a Constituição de 1988, o direito à saúde, direito à educação, direitos culturais, direitos indígenas, direitos ambientais entre outros. Sobre a cartilha Lamparina, vale enfatizar que foi um trabalho sobre as condições de vida e de saúde do povo, realizado em Goiás, em 1979, e resultou de uma pesquisa participante (BRANDÃO, 1984). De acordo com relatório sistematizado pelo professor, denominado “O Meio Grito – texto pastoral”, que veio a compor a cartilha final “O Meio Grito” (BRANDÃO, 1984), a definição da pesquisa era:

Essa pesquisa de Saúde nasceu da idéia de espalhar mais no meio do Povo, que a SAÚDE É UM DIREITO. E que o Povo deve se organizar para conquistar esse Direito, cada vez que ele for negado. No prazo de um ano, que foi o tempo que durou a Pesquisa, os companheiros e companheiras do Movimento de Saúde falaram com um total de 851 pessoas. Eles pesquisaram 69 grupos em 12 diferentes municípios. Escutaram a gente pequena das roças, das pontas de rua, das rodas de fogão, das beiras dos córregos. Eles disseram que essa Pesquisa é feito uma Pamonha, feita por muita gente. E que ela deve também ser comida por muita gente. Essa Pamonha é o nosso MEIO GRITO. Então o **Meio Grito é mais uma força pra juntar**, mas que ainda não é o **Grito Inteirado**.

“... O Meio Grito é mais uma força pra juntar.” Ele junta o meio grito dele, com mais o de outros, e junta com mais outros que estão no lugar. Assim, um dia, ele vai poder dar o GRITO

INTEIRADO. Mas esse, ele não vai poder dar sozinho, não. O “Grito Inteirado” é quando o Povo todo souber que tem aquele DIREITO. E que ele tá sofrendo isso, não é aquela história de dizer que é porque Deus não quis, não. Mas que, ele tá sofrendo desse tanto, é porque tem um lá em cima, que tá pisando nele. E que vem pisando, vem pisando, vem pisando nele de lá até cá. Quando o Povo ficar sabendo isso, quando ele ver essas coisas com os olhos dele mesmo, essa vai ser a maior força. Porque daí ele vai reagir. A maior parte do Povo ainda não sabe essas coisas. Então, não tem condição de dar o Grito Inteirado. E uma coisa que a gente tá enxergando dentro dessa Pesquisa é que, por enquanto, ela tá pegando o Povo assim, de supetão. Então, a hora que chegar o ponto de conseguir todos eles novamente, com essa CARTILHA na mão, aí eles vão criar, cada um, um pedacinho de esperança, cada qual um Meio Grito. Talvez daí vai ficar mais fácil, porque é mais gente que vai forçar. Mas é devagar que o Povo vai juntando os Meio Grito. É devagar que vai nascendo qualquer coisa forte no meio de nós. É o Grito Inteirado. Esse que é o objetivo dessas Pesquisas (BRANDÃO, 1979: 2-3).

Para Carlos Brandão, há duas margens do rio por onde ele transita em sua vida acadêmica/ativista. Em dados momentos, ele está em uma ou em outra margem, por isso busca a ponte que as reúne, militância e academia. O trecho do livro “Diante do Outro cheio de perguntas: Uma coletânea de escritos sobre a pesquisa aplicada, a pesquisa participante, a pesquisa-ação-participante e a pesquisa militante”, que Carlos Brandão me encaminhou e se encontra no seu site: a partilha da vida¹, (2021: 9-10), ele explicita essa ponte:

De outra parte, a experiência das diferentes alternativas de pesquisas de vocação qualitativa me obriga – aquém e além dos métodos e das técnicas – a aprender a confiar em mim-mesmo. Em sua prática eu não sou, e nem me assumo como um alguém que para ser objetivo precisa ser “controlado”. Posso afinal ser eu-mesmo. E será a partir desta “interativa personalidade” que me relaciono com os meus “objetos de pesquisa”, convertidos em “sujeitos de pesquisa”. Ou, mais ainda, em diferentes sujeitos de inter-diálogos através da partilha de uma pesquisa. Pessoas e coletivos de pessoas diferentes de mim, mas não desiguais diante de mim. Posso falar livremente com o outro, e ouvi-lo com liberdade. Posso “me tocar” e conviver com pessoas, famílias, grupos corporados, comunidades, compartilhando com eles e elas mais do que apenas os seus “dados” ou, para além deles, os seus “discursos”. Uma experiência antes neutra e ilusoriamente impessoal transforma-se na relação entre pessoas que através de quem são e do como expressam o seu próprio ser, podem afinal intertrocar saberes, sentidos, sentimentos e vivências. Acredito que a pesquisa participante nos obriga a um outro difícil salto. Se o passo dado entre o “quantitativo” e o “qualitativo” me desloca de um lugar a outro no interior dos territórios da academia, o salto entre o “qualitativo” e o “participante” me obriga a não apenas a “ir”, mas a “partilhar” de e em territórios “deles”. E então a diferença entre a neutralidade positivista e a interatividade antropológica transporta-me da confiança no método e nos instrumentos de pesquisa, à confiança em mim-mesmo como instrumento humanizado da minha pesquisa. E, pelo menos em suas justificadas intenções, a pesquisa participante possui a sua objetiva substância

na extensão de um ato primário de confiança. Agora eu, que antes confiava em mim diante do outro, confio agora no outro diante de mim. E não mais como um fiel e confiável doador de si-mesmo para-mim, entre dados, discursos, histórias e memórias, mas como um coparticipante de uma ousada e imprevisível criação solidária.



Roda de conversa com Professor Carlos Rodrigues Brandão, Congresso da ABRASCO, 2015. Foto: Sílvia Guimarães.

Buscando as palavras de Carlos Brandão sobre como viveu e imergiu a Antropologia tão intensamente no Brasil profundo até este momento pandêmico, apresento a seguir seus comentários aos meus questionamentos. Primeiro, pergunto: o que foi o movimento Lamparina, a construção da cartilha Meio Grito?

Não houve em meu tempo propriamente um “Movimento Lamparina” a não ser no desdobramento do trabalho de mulheres camponesas das “Comissões Populares de Saúde” dos 13 municípios da Diocese de Goiás. Elas foram

pedir ao médico Paulo Michalizen uma “cartilha” a respeito dos seus “direitos à saúde”. Paulo devolveu em uma reunião a proposta, com a de que fosse feita uma pesquisa nas comunidades sobre “as condições de saúde do povo de Goiás”. Esta pesquisa, com um perfil fortemente participativo, foi coordenada pelo Paulo, a Idalice, mulher do povo e pelo Tião, um camponês e militante sindical. A idéia de “lâmparina” veio que uma das mulheres disse que: “a cartilha era pra ser uma lâmparina pra alumiar o nosso caminho”. A pesquisa e seus desdobramentos foram vividos e realizados em um dos momentos de mais intensa atividade político-pastoral da Diocese de Goiás. E isso em plena ditadura militar. Eu fui assessor-externo da Diocese de Goiás por mais de 20 anos. Fui chamado por Dom Tomás e por Paulo apenas para ajudar no processamento da pesquisa, depois de aplicados os questionários. Ficou resolvido que Idalice, Paulo e outras pessoas responderiam pela publicação de uma versão para o povo: “A LAMPARINA”. E, com base nela, eu redigiria a “versão pastoral”, que veio a ser “O MEIO GRITO”.

Complemento esse comentário do professor com seus escritos em dois relatórios que produziu sobre outra pesquisa que se delineava 15 anos após o Meio Grito, mobilizada pela diocese de Goiás, quando o cenário era outro, após o recrudescimento de uma ditadura militar, desmobilização de coletivos, precarização do trabalho, expropriação territorial. Em um relatório de 1985, produzido por Brandão sobre a região de atuação da Diocese de Goiás, ele escreve:

Transformações fundamentais haviam ocorrido e estavam ocorrendo. Uma proporção crescente de famílias de trabalhadores de alguma

maneira estava sendo expulsa “da roça” e migrava para as “pontas de rua”. Novas formas de exploração e expropriação somavam-se às antigas. A miséria aumentava, o interesse popular por participação nas iniciativas da Diocese parecia diminuir (1985, pg. 1).

Em outro relatório, Brandão, que cunhou de maneira tão potente o termo “observação participante”, nesse momento, informa abaixo sobre o desenrolar da pesquisa:

Procurei fazer uma reflexão com a equipe do tamanho da que tenho feito em ocasiões semelhantes. Desenvolver a idéia de que a pesquisa participante não é “alguma coisa a mais” que recorta e, em certos casos, interrompe a prática cotidiana dos agentes de pastoral e dos agentes de base. É um modo de observação “na ação” e de coleta de dados durante os trabalhos que se acrescenta a eles. Fácil em teoria, a idéia é muito complicada na prática. Durante as discussões ficou evidenciado um impasse: não há motivação nas comunidades para um tipo de trabalho que não produza logo resultados ou que, pelo menos, não deslanche e termine em curto prazo. Como conciliar isso com a proposta de uma longa e não intensiva pesquisa que, justamente, iria “sendo feita” ao longo dos dias e dos trabalhos? De um lado não há condições reais para um trabalho intenso, fortemente mobilizador. Não é o povo quem vai fazer a pesquisa? Pois bem, expulso da roça, o “povo das periferias” está em luta diária por viver. Como acrescentar a isso um trabalho a mais cujos resultados “a mais” são aparentemente invisíveis? Um trabalho que, durante a reunião ficou claro, às vezes parece mais uma preocupação nossa, uma invenção “participada”, mas externa (BRANDÃO,

1982, p. 8).

Mudanças extremas acontecendo, resultado das ações violentas dos anos da ditadura militar e o empobrecimento que promoveu no Brasil, quando a elite brasileira soube aproveitar e investir contra as pessoas no campo, ao mesmo tempo que os trabalhos da teologia da libertação eram enfraquecidos com a presença de uma igreja conservadora se impondo (COSTA, 2007). Carlos Brandão relata como a notícia da nomeação do novo bispo, um dos padres jesuítas mais tradicionais, em 1982, “gerou um baixo astral para o pessoal da pastoral popular”. Mesmo em contexto tão adverso, movimentos sociais se ampliavam e novos cenários se criavam com as centrais sindicais e as comissões pastorais ainda atuando (COSTA, 2007). Pergunto-lhe, então: após todo esse tempo, como o senhor vê o SUS hoje? O que ele significa?

Para pensarmos o SUS e outras iniciativas governamentais estendidas (ainda muito imperfeitamente) ao povo, é preciso recordar que tanto na área da saúde como em todas as outras, aquilo que de repente aparece como uma iniciativa governamental e de políticos, é apenas uma derivação de processos e momentos de enfrentamentos, de lutas, de propostas e conquistas de grupos e de movimentos populares. Lembro que já nos anos 60 e 70 eu participei de vários ENEMECS, que eram “encontros nacionais de estudantes de medicina”, com forte vocação popular. Seria o caso de associarmos cada uma das “iniciativas governamentais” na área da saúde, com as “conquistas sociais e populares na área da saúde”. E eu penso que tudo o que se conquistou é apenas o começo.

Continuo, há uma relação do movimento Lamparina com o SUS? Qual seria essa relação?

Acho que em parte respondo acima. Não apenas o “movimento Lamparina”, mas uma infinidade de outros, por todo o Brasil, foram o impulso social e popular indispensável para que o passo a passo de como fazer a saúde um direito inclusivo e igualitário de todos e entre todas. E não um privilégio de alguns em detrimento de outros. A própria e atual pandemia (ou sidemia) é uma evidência clara do que nos falta conquistar. Vimos por toda a parte no Brasil que até a incidência letal da doença, a variação da qualidade dos atendimentos e até mesmo os enterramentos dos que faleceram obedecem ainda a uma perversa desigualdade social. O vírus é o mesmo, mas onde ele ataca, o que causa e o que há de verdade para combatê-lo, ainda obedece, pelo menos em parte, a desigualdades sociais perenes e, em alguns momentos, crescentes.

Pergunto ao professor: como você vê o momento atual da covid? O que o presente nos diz sobre nós?

No começo da atual pandemia, eu escrevi um longo texto que o partilhei com pessoas amigas. Ele é longo, mas eu o transcrevo aqui porque agora não saberia escrever algo melhor.

A PANDEMIA DE AGORA E A PANDEMIA DE SEMPRE

Vivemos uma nova pandemia. A humanidade terá vivido inúmeras outras. E mesmo a Idade Moderna viveu e segue vivendo pandemias como esta de agora. Ou piores. Mas há algo na pandemia de agora que tem sido pouco comentado. Embora esteja sendo muito alertado.

E é sobre isto que eu quero pensar por escrito com vocês. Quem nos afeta é um vírus. Vírus são seres tão ínfimos que colônias deles podem habitar uma bactéria igualmente ínfima. E os vírus sempre nos habitaram. Um resfriado é uma infestação deles. A COVID-19 é outra. Só que menos frequente (esperemos) e bem mais mortal. Afinal, eles já estavam, como as bactérias, milhões e milhões de anos aqui na Terra, antes de nós chegarmos nela. E fora o mal que podem fazer às pessoas, entre o sintoma leve, o sofrimento e, no limite, a morte, esses infinitamente pequenos seres que podem nos habitar, nos tornam não apenas os seus hospedeiros, mas os seus portadores. E isto é muito triste.

Quando surgiu o vírus da AIDS éramos também nós, homens e mulheres, os hospedeiros, os portadores e os transmissores deles. Mas com uma diferença, e não pequena. Então os vírus eram passados de pessoa a pessoa através de gestos de amor e atos de desejo. Entre o beijo e a cópula (ou a “transa”, um nome bem mais nosso hoje em dia) era entre os sumos e sucos dos corpos íntimos que a doença era passada de um a outro, de um a outra. Lembro-me, com horror, quando pregadores e moralistas afirmavam que aquela doença, se não era o “próprio pecado”, era o castigo divino pelos nossos pecados. Agora não. Com a COVID 19 uma pequenina palavra minha, carregada de ínfimas gotículas com o mal que habita em mim (e nem sei disso) pode adoecer o meu amigo e pode matar a pessoa que eu amo. Nossos corpos de perto, mesmo antes do toque e sem o abraço, são a nossa ameaça. Nunca fomos tão terrivelmente poderosos. Um desconhecido infecta o Primeiro Ministro da Inglaterra. A filha vinda da rua e do trabalho infecta o pai morador em um barraco na Rocinha. Estamos condenados a

evitar a sagrada pessoa do outro. A não ser entre as raras pessoas com quem compartilmos os mesmos reclusos “cenários de quarentena”, todas as outras mulheres e todos os outros homens podem carregar dentro de seu corpo o que nenhum mal lhe fará, pois são resistentes aos “sintomas da doença”. Mas o invisível mal que se me atingir, que pode me matar sem que ela saiba... e nem eu. Sindemia é uma estranha palavra, talvez antiga e pouco conhecida. Talvez criada agora.

Em um noticiário de televisão sobre a recente *pandemia*, foi dito que uma equipe de cientistas de diferentes nações e diversas áreas do conhecimento, entre a medicina, a sociologia e a economia, sugeriram que a presente suposta *pandemia*, que começou sendo pensada como uma *epidemia*, deveria ser tratada como uma *sindemia*. Como algo que deveria ser pensado e tratado não apenas no campo de epidemiologia, mas também das ciências e das práticas da cultura e da sociedade. Eles alegam (a meu ver com acerto) que esta pandemia universal, persistente e arrasadora apresenta, mais do que outras, certas características que a tornam senão única, pelo menos diferenciada. Assim, concluem, com forte apoio das estatísticas, que ela é, também mais do que outras, seletiva, desde um ponto de vista etário. Assim, é ínfimo o número de crianças e jovens gravemente afetados. E, na outra ponta, é muito alto o número de idosos gravemente enfermos ou mesmo chegados a óbito. Assim, um cuidado preventivo e especial deveria ser dirigido a pessoas “de idade”. Para não falarmos em pessoas portadoras de comorbidade. E o fato mais característico e dramático da COVID-19 é que ela é também socioeconomicamente seletiva. E perversamente seletiva.

O que parecia ser uma enfermidade que ata-

ca por igual pessoas de todas as etnias e de todas as classes sociais, é “adoece e mata” muito mais indígenas, negros pobres e outros pobres e residentes em áreas pouco assistidas por serviços de bem-estar, de saneamento e de, enfim, “qualidade de vida”. Assim, estamos diante de uma terrível enfermidade que por outros efeitos “seleciona” grupos étnico sociais para diferenciar seus efeitos. E isto não apenas em países do “Terceiro Mundo”, mas também do “Primeiro”, a começar pelos EUA. Assim concluem eles, este seria o momento para que um cuidado igualmente diferenciado fosse implantado e estendido. Segundo informações, o trabalho sobre a sindemia COVID-19 foi publicado na revista Lancet. Esta pandemia virótica vai passar um dia. Quando? Amanhã? Em maio? Em setembro? Em 2021? Não sabemos.

Mas sabemos que um dia ela vai passar. Mas há uma outra que fica. Ela vem de bem mais longe. Bem mais! Ela não nos impede os gestos do afeto, entre apertos de mão, abraço, beijos e o que mais haja e seja entre os nossos corpos. Ela agora nos dá menos notícias. Bem menos. E, no entanto, para quantas pessoas, entre crianças e idosos, ela é bastante mais perversa. Bastante mais mortal. Basta ler um informe da *OMC*, ou dos *Médicos sem Fronteiras*, para saber o já sabido. Pois morrem por dia mais crianças, mais mulheres, mais idosos, de fome, de disenteria e de outras enfermidades de que por felicidade estamos salvos, do que todas as pessoas vitimadas pela COVID 19. Não quero me estender em dados que conhecemos e nem buscar as causas e os causantes de vivermos em um Mundo em que a diferença entre a extrema minoria dos “muito ricos” e a imensa maioria dos “muito pobres” é desumanamente desmesurada, e cresce a cada ano. Com a diferença de que a

pandemia do Corona Vírus irá embora. E esta outra pandemia...?”

Continuo no diálogo, pergunto a Brandão: quais futuros possíveis podemos vislumbrar?

Trancados em casa, isolados da presença do outro, cujo corpo é para mim uma possível ameaça, por algum tempo nos descobrimos solidários. Por todo lado crescem coletivos empenhados em contribuir, em ajudar, em partilhar. Que assim seja! Mas... e quando “tudo isso” passar? Ouço falarem, e leio também, que “depois de tudo isso o Mundo nunca mais será o mesmo?” Espero que não seja. E temo que permaneça sendo. E se “não for mais o mesmo”... como será? O capitalismo globalizado que nos faz acreditar que “Agro é pop! Agro é Vida!”, enquanto devasta a suave e fecunda pele verde deste País, voltará ainda mais poderoso e “global?” A distância maldita entre a suprema riqueza e a extrema pobreza deverá aumentar ainda? A força dos senhores do poder, associados (como sempre) aos senhores da ganância e do lucro desmedido deverá voltar mais poderosa ainda? Outros “Brumadinhos” acontecerão e, como sempre, serão explicados como desastres inevitáveis em nome do progresso e do desenvolvimento... do que? De quem? Para o que? Para quem? Não quero dar um teor político a essa mensagem que, afinal, sonha ser uma fala de esperança. Sou um antropólogo avesso a estudos sobre o poder e a política, até porque dediquei minha vida de pesquisador, de educador e de militante aos camponeses; aos “sem-terra desta Terra com tantas terras; aos criadores das culturas populares, mulheres e homens, sábios “do campo e do sertão”, a quem devo bem mais do que eles imaginam. E também aos meus alunos,

minhas alunas, que mais do que as teorias, me ensinaram a ser professor. Quero pensar por escrito que se “depois de tudo isso o Mundo não será mais o mesmo”. A pergunta a fazer não há de ser: “então que Mundo ele será? ” E esperar que a TV Globo, ou o mandatário de plantão a serviço do mundo dos negócios nos diga “como ele deverá ser”. Acho que a pergunta é outra. E por mínimo que seja o alcance de minhas ações, a pergunta deveria ser: “E o que eu posso fazer para que depois de tudo isso o Mundo não siga sendo como ele é? ”. E lembro agora, quando em tempos em que podíamos sair às ruas e nos abraçarmos, abraçando também as “nossas causas e as nossas lutas”, em nossas caminhadas pelas ruas da cidade onde nos reunimos para mais um Fórum Social Mundial, nós bradávamos juntas e juntos: “um outro mundo é possível!”. E “um outro mundo” é não apenas possível, mas é urgente; desesperadamente urgente. Em uma triste era em que a “Teologia da Libertação” vai sendo silenciada, e parece dar lugar aos brados ilusórios de uma “Teologia da Prosperidade”, mais do que nunca é preciso não esquecer que a palavra “empreendedor” tem dentro dela a palavra “prender”, e também a palavra “dor”. Se for para empreender, saibamos aprender a empreender o que faz deste injusto Mundo, um “outro Mundo possível”. E desde agora - e mais ainda quando nós pudermos “sair para o abraço”, nas ruas e entre a “nossa gente” - esta é a hora de começarmos a buscarmos juntas e juntos não “o que poderia existir para um outro mundo possível”, mas “o que nós podemos fazer para que ele, passo a passo, comece a existir”. Um mundo mais solidário e generosamente humano, mais livre, mais sem fronteiras, mais escancaradamente aberto, mais justo e mais inclusivo. Mas partilhadamente feliz, afinal. Pois razão

de existirmos no Mundo é a felicidade. Mas só seremos felizes quando a outra pessoa, ao meu lado ou longe de mim, do outro lado do oceano, for por igual também feliz. Por toda a parte – mas longe do alarde promocional das mídias globalizadas – inúmeras pessoas e coletivos de pessoas estão empenhadas em fazer algo para solapar a “economia de mercado” centrada no lucro, em nome de uma “economia solidária”; uma “economia do dom”, centrada nas Pessoas e na Vida de todos os seres que conosco partilham a Vida neste pequenino e primoroso Planeta Terra. Sem deixar de lado o conhecimento crítico sobre o que fazem os que estão fazendo os “senhores do dinheiro e do poder”, procuremos conhecer o que estão pensando e praticando pessoas que desde incontáveis lugares da Terra, por toda a parte estão criando laços e enlaces de uma “outra Vida provável”, em direção a “um outro Mundo possível”. Lembro alguns nomes. O *Altermundismo* (o outro Mundo aqui e agora, construído por nós); a *Economia Solidária*, a *Economia do Dom*, a *Simplicidade Voluntária*, a *Educação Popular*, a *Teologia*, e também a *Política* e a *Psicologia da Libertação*, a *luta dos “sem-terra pela terra*, a vocação de um *Ambientalismo* para além dele mesmo, até chegarmos a um ponto em que qualquer Ser Vivo valha tanto quanto a própria Vida. Lembrei apenas uma fração de tudo o que há, e de tudo o que poderá vir a haver “Quando tudo isso acabar”. E “quando tudo isso acabar” em que Mundo estaremos desembarcando? E o que você que saiu viva de “tudo isso”, pode fazer, unida a outras pessoas, para que nunca mais o “Mundo de depois de tudo isso”, siga sendo o mesmo Mundo que gera e nos impõe “tudo aquilo” que entre outros males, gerou também “tudo isso”.

Seguindo o diálogo com Carlos Brandão: como vê a presença de movimentos religiosos, hoje, em comunidades indígenas, quilombolas e nas periferias urbanas?

Nos velhos e bons tempos missionários ecumênicos criaram uma “Teologia da Inculturação”, desgraçadamente pouco conhecida. Ela era a versão indigenista da Teologia da Libertação. E o seu lema em síntese era: “o verdadeiro cristianismo de uma comunidade e de uma cultura indígenas é a plena vivência da integralidade de sua própria religião. Catequizar e converter era lutar para que pessoas e povos indígenas recuperassem a plenitude de suas próprias religiões, entre outras dimensões de suas próprias culturas. Hoje ela em boa medida deu lugar a uma invasão neopentecostal proselitista e conversionista. Acho que esta é mais uma praga levada aos índios, aos quilombolas, aos camponeses e outros. Apenas é uma praga cujo vírus não vem através da saliva. Ele vem através das palavras. Aquela que desqualifica o outro para fazer dele uma falsa imagem de "mim-mesmo".

Últimas perguntas: Quais movimentos políticos, vindos da sociedade, trazem bons ares à nossa democracia? E como avalia o papel das ciências sociais hoje, especialmente da Antropologia?

Enumerarei algumas iniciativas em uma resposta anterior. Estamos vivendo um momento em que frente ao avassalador avanço globalizado do poder, das instituições e dos imaginários do “mundo do mercado”, por toda a parte, entre povos indígenas, negros, camponeses, populares ambientalistas, alternativos, surgem unidades, grupos, agremiações, experiências,

movimentos etc., de enfrentamento “do que vem por aí”. Acho que no presente momento estamos vivendo um momento de forte e dramática divisão entre “ações (e pressões) de presente” e projetos (e anteprojetos) de futuro. Qual o presente que estaremos vivendo (em pandemia e em pós-pandemia) e que viveremos no futuro (mesmo eu, com os meus 80 anos), é algo que parece que “depende deles” (os donos do poder). Mas que na verdade depende em boa medida de nós. Como um dia escreveu Jean-Paul Sartre: “uma coisa é o que fizeram de nós; e outra coisa é o que nós fazemos do que fizeram de nós”.

As ciências sociais e, de modo especial, a antropologia, vivem hoje dilemas pouco entrevistados poucos anos atrás. São todas submetidas, sobretudo nas universidades, ao avanço produtivista, mercantilista, pragmático e até mesmo elitista e excludente de poderes do mercado sobre o Estado e a Sociedade. Mas, em contrapartida, todas elas resistem e buscam reaprender, sobretudo junto àqueles que antes apenas... pesquisavam. Vejo com alegria que a antropologia em boa medida passou e está passando de uma “ciência sobre o outro” a uma ciência sobre nós através do outro”, a uma “ciência destinada ao outro” e, finalmente, a uma “ciência com o outro”. Até chegar a uma “ciência do outro” com quem também aprendemos. Indígenas agora são mestres e doutores de nossas universidades. Escrevem teses sobre eles e em pouco tempo livros sobre nós. E então talvez nos redescubramos através de outros olhares e imaginários.

Para finalizar, o Professor Carlos Brandão apresentou um pequeno dicionário ou, em suas palavras, “**SOBRE ALGUMAS PALAVRAS**”, como repensar conhecidas palavras através de um

pequeno vocabulário algo transgressivo em dias de quarentena do corpo e de recolhimento do espírito”:

Anomia – *Anomia* é mais ou menos algo ou alguém sem nome, sem “novem”, sem “nune”, sem “lume”. É o lugar social ou pessoal do sem-sentido. É o não-lugar, ou o *espaço* que não chega a ser um *lugar*. Ou não chega a “lugar nenhum”. É como quando uma pessoa pensa que sabe para onde ir, mas não conhece nem o caminho e nem desvenda os motivos de lá chegar.

Autonomia – De algum modo é o oposto da *anomia*. O *autônomo* é o oposto do *autômato*. O *autônomo* é você, se você quiser ser *autônomo*. O *autômato* é o robô que faz o que deve, sem pensar no que faz. E sem sentir. *Autônomo* é quando você tem o “*nomos*”, o sentido-do-ser e a *autonomia* para, por sua conta e risco, pensar-o-ser que habita dentro de você. O *autômato* é quando não se tem em-si-mesmo o que é propriamente seu, porque criado por um outro ser, como um sendo-em-mim. *Autômato* é quem vive na *anomia*. *Autônomo* é quem não apenas é-por-si, mas é quem busca com outras e nos outros: criar, estender, universalizar um crescendo de solidária *autonomia-entre-nós*. Um outro nome mais político para *autonomia* é: *democracia*. Não essa em que vivemos, mas a que nós devemos lutar por construir e consolidar. Algo que quando inteiro, pleno e duradouro, torna a *autonomia* não um poder-em-mim-e-para-mim, mas uma partilha de um poder criado por seres livres, e em nome de uma crescente, até ser plena liberdade. *Autonomia* é quando uma pessoa, ou um coletivo de pessoas: pensam o seu pensar; aprendem o seu saber; partilham o que sabem; traçam o seu destino; mudam as suas vidas; dizem as

suas palavras; transformam o seu mundo e escrevem a sua história.

Economia – Na Grécia Clássica havia duas palavras para o que hoje reunimos em uma só: *economia*. Havia a palavra grega de que derivou propriamente *economia*. E ela queria significar o “cuidado com”, a “gestão da casa”. O “trato do que é de todos”, “a condução coletiva do bem comum”. “Casa”, aqui, é tomada no sentido de coletividade, comunidade, cidade: “óicos” (que em grego não teria acento, e da qual deriva a palavra “ecumênico”, como...“o lugar de todos nós”). E na Grécia havia uma outra palavra que adjetivamente se aproxima de *economia*, mas que substantivamente é o seu oposto. Essa palavra (muito feia, e não por acaso) é *crematística*. Simplificando: se você pensa articular e fazer inter-agirem bens da natureza + o trabalho humano + a vida social + a construção social do mundo a partir do seu “lugar concreto de vida”, com o propósito de gerir dons, bens, ideias, projetos e ações em nome do bem-comum, então você é um ou uma *economista*. Você é um praticante da *economia*, como “gestão-do-que-é-nosso, do que existe em comum, em comunidade”. Nesta vocação você pode ser até mesmo um “empreendedor”, no sentido “óicos” e “nomos” desta palavra... de que eu confesso que nunca gostei muito. Mas se você emprega o seu “espírito empreendedor” para esquecer os dons-entre-nós, e pensar apenas nos ganhos-para-mim, então, eu lamento. Pois você pode até ficar rico, e talvez criar uma “fundação benemérita” com o seu nome. Mas você é um moderno praticante da *crematística*. Uma palavra para a qual o equivalente moderno poderia muito bem ser: “capitalista”. Pois o capitalismo (que não existia entre os gregos clássicos) é a lógica e a prática moderna da *crematística*. Quando a *economia* se

transforma em *crematrística* isso pode ser extremamente danoso para a *ecologia*, que nos espera logo adiante.

Ecologia – a *ecologia* é o saber da *economia* da natureza. E a natureza não é o que “está lá onde eu não estou”. A natureza é você, assim como é o seu cachorro, o arroz com feijão que você comeu (ou devia ter comido) ontem. É a árvore na calçada de sua rua. É a floresta onde você não entra porque tem medo de cobras (que são também natureza). É o ar que você respira. São as terras (ainda) cobertas de florestas nos recantos do Brasil, lá (ou ali) onde o agronegócio devasta a terra da Terra, pensando (ou nos querendo fazer pensar) que está “semeando o progresso”. Natureza é o todo do suave e belo Planeta Terra em que você vive. É a Vida que habita a Terra e é a Terra, como um Ser-Vivo, e não apenas um lugar que abriga a Vida. E... vida é até o novo Corona Vírus. *Ecologia* também vem do grego. E quer dizer originalmente “o-logos-do-óico”. Isto é, o *conhecimento* (*logos*) destinado a uma boa gestão da casa (*óico*) (que em grego não deve também ter acento). Qual casa? A sua. A minha. A nossa. O “nosso mundo”... o único que possuímos por agora e, imagino e desejo, por muito tempo.

Epidemia – A *epidemia* é uma *pandemia* em ponto menor. Por exemplo: houve (ou há ainda) uma “epidemia do cólera” em algumas regiões da África. Mas há uma *pandemia*, como a da “coronavírus” em todo o Mundo (ou quase todo). A *epidemia* é o nome de doenças que afetam outros que não-eu, e que ganha este nome quando pode me afetar também. É quando uma doença começa a virar notícia. É muito estranho que males que roubam a vida de crianças, de mulheres, de homens idosos em uma proporção muito maior do que a “dengue”, por exemplo, não

recebam um nome clínico qualquer. E apenas raramente apareçam nos noticiários, a não ser em programa especiais domingo de manhã, ou depois da meia-noite. Às vezes eles são chamados “flagelos” como, por exemplo: “a fome no mundo”, “a diarreia em crianças”, as chamadas (e nunca controladas ou erradicadas) “doença endêmicas”, como a varíola do passado ou a malária de agora. Enfim, as enfermidades de sempre e, se possível, “dos outros”: “os sem-terra”, os “desterrados”; os “sem-teto”, os “moradores na rua”; os “exilados”, os “sem pátria”; os “excluídos”, as e os sem “trabalho fixo e sem “carteira assinada”. A imensa e crescente fração majoritária de uma humanidade posta à margem, ou excluída do mercado do capital. Logo, excluídos da fração da humanidade “que conta nas contas do mercado”, e, portanto, pode estar presente e atuante na vida e na sociedade. E até podem ter um “plano de saúde”... como eu.

Pandemia – a *pandemia* é uma *epidemia* em ponto maior. Com maiores poderes do que a *epidemia*, a *pandemia* existe quando aquilo que deveria ameaçar somente “os outros” ... distantes, pode me ameaçar também, aqui onde eu estou. Assim, diferentes na geografia, na sociologia elas se equivalem! Estranho que quando se espalhou pelo mundo a “gripe espanhola” (que nada tinha a ver com a Espanha) um ano depois que a minha mãe nasceu em 1917, e, São José do Norte, uma cidadezinha entre a Lagoa dos Patos e o Oceano Atlântico, no quase Extremo-Sul do Brasil, ela não se chamou *pandemia*, embora tenha acabado com a vida de cerca de 50 milhões de pessoas. Chamaram de “*epidemia*”. Acho que a palavra “*pandemia*” não tenha sido ainda inventada, porque o mundo ainda não era “uma aldeia global”. A *pandemia* que vivemos agora, e que nos obriga a um severo

“isolamento social” (saudades de abraços de verdade, corpo a corpo!) é um chamado a que descobramos de novo o que já conhecíamos: somos extremamente frágeis!!! A pessoa que somos, ou a quem amamos, pode ser “levada embora da vida” por seres que mal chegaram, que eram desconhecidos há alguns meses, que são invisíveis e fatalmente mortais. É esperado universalmente, entre os que desejam que assim seja; entre os que temem que seja assim; e também entre os que lutam para que assim não seja, que *epidemias* e *pandemias* possam ser “naturalmente” seletivas. Algo que esconda que elas acabem copiando social e economicamente o que a sociedade desigual faz há milênios. Que elas façam mal ou matem mais gente ao Sul do Equador do que ao Norte. No Oriente do que no Ocidente. Na África e no Afeganistão do que na Austrália e na Áustria. Na favela da Rocinha, do que na Rua Cedro, logo embaixo dela, na Gávea, onde morei confortavelmente durante 16 anos. Vivemos epidemias e pandemias perenes e, em alguns recantos do nosso Mundo e em algumas épocas de nossa História humana (e, não raro, tão desumana) assistimos de longe pandemias-de-outros, longas, terríveis, esquecidas.* (*veja o anexo ao final, depois deste sinal* *).

Sinergia – *Sinergia* rima com *simpatia*. Porque ambas começam com o mesmo prefixo “sin”, ou “sim”, como em *sinfonia*, quando muitos tocam juntos uma mesma música. Em seguida do “sin”, que traduz o que sendo seu é também meu, a palavra *sinergia* se completa com a meia-palavra *ergia*, derivada de *energia*. Juntas em *sinergia* elas querem sugerir uma energia-de-vida, de élan vital de desejo de com-você com-viver, e partilhar a Vida, através da *energia* que cria em você e em mim uma força dobrada de um

amoroso, ativo e assertivo entre-nós. *Sinergias* que se alarguem – e elas podem ser infinitas – e abranjam e abracem incontáveis pessoas, podem mudá-las para seres melhores. E são (somos) elas aquelas que, juntas, podem transformar o mundo em direção *pan-sinergia* de “um outro mundo possível”.

Pedagogia – *Pedagogia* também vem do grego (e como viver e conviver sem o que nos veio da Grécia?). Pedagogia fez o *pedagogo*, seja ele uma professora “de chão da escola”, ou não, desde que em qualquer campo da vida e da sociedade em que viva e trabalhe, seja uma também... educadora. *Pedagogia* vem de uma bela e sonora palavra grega: *paidéia* (que eu acho que escrita em grego não tem acento algum). Esta palavra é meio difícil de traduzir para qualquer língua. Porque o seu sentido é muito amplo e profundo. Assim, naquele que eu considero o mais belo e profundo livro sobre a educação (e também talvez um dos mais grossos – no bom sentido da palavra “grosso” – porque tem mais de 1500 páginas, imagine!), escrito pelo pensador e educador alemão Werner Jaeger, e que recebeu este nome: *Paidéia – a formação do homem grego*, a palavra *paidéia* não significa apenas *educação*, o ato de educar. Significa *formação*. Levar alguém à *paidéia* significa formar uma pessoa em sua mais inteira, completa e perfeita integridade. Mesmo lembrando com Paulo Freire que nós, os humanos, somos seres inacabados, mas sempre “acabáveis” e imperfeitos, mas sempre aperfeiçoáveis. Em tempos em que cada vez uma “educação funcional” empenha-se em apenas instrumentalizar o futuro competente-competitivo para “vencer no mercado”, ao invés de formar o consciente-cooperativo, para criar com outras pessoas um mundo-humano em que todos vivam, é urgente voltarmos à esta ideia matriz da *ed-*

uação. A respeito dos gregos há um belo momento em Michel Foucault, em que ele diz (ou escreve): “se uma vela pode ser uma obra de arte, porque não uma pessoa humana?” Então é preciso a *Paidéia*, destinada a partilhar saberes dialógicos e solidários, para que pessoas venham a ser a obra-de-arte-de-si-mesmas. E também habitantes de um mundo que seja a realização da obra de nós todas... e todos.

Nota: devo com honestidade confessar que há anos folheio, compulso, leio capítulos e emprego passagens de *Paidéia – a formação do homem grego* em livros meus, como *A Flauta de Prata – escritos sobre o saber e a educação*, por exemplo. Mas eu também nunca li *Paidéia* inteiro, “de cabo a rabo”. No entanto juro que estou aproveitando esses dias de recolhimento forçado para, aos 80 anos, ler o *Paidéia* inteiro, e espero chegar ao fim do livro antes de chegar ao fim de mim-mesmo.

Utopia – *utopia* é o lugar-que-está-lá porque (ainda) não-está-aqui. O lugar-que-está-lá é uma *topia* = um “topos”, um “topoi” (os gregos de novo!) que existe – como o Brasil destes tempos – mas que é-como-não-deviaria-ser. Daí o sentido e o dever solidário de lutarmos por transformar o “topos-não-utópico em que vivemos – e não apenas aqui no Brasil, mas na América Latina, no Ocidente, em todo o Mundo – em uma possível e realizável utopia. Creio que foi Jean-Yves Lelloup quem disse: “a utopia não é o irrealizável, é o não realizado”... ainda.

O que nos deve lembrar a estranha e desafiadora expressão de Paulo Freire: ousar trabalhar em nome do “*inedito viável*”. Que tal, a partir de hoje... mesmo em quarentena?

Florestesia – Não sei se esta palavra existe. Se não existe é bom que comece a existir. Pois hoje eu saí de casa (com máscara, etc.) para caminhar um pouco. Na calçada da rua da es-

quina de repente olhei o chão com cuidado. Estava coalhado de flores entre lilases e roxas. Ah! Olhei então para a copa da árvore, e ela estava repleta de flores do Ipê Roxo. Maravilha das maravilhas! Em plena quarentena-de-pandemia, uma *florestesia* de repente, de um dia para outro invadiu uma rua de meu bairro. Invadiu a minha vida! E quando eu cheguei em casa, a menos de doze passos do “Pé de Ipê Roxo”, era um ser florido por dentro. Saudades de Rubem Alves, amoroso dos Ipês como eu.

Profecia – “Não haverá escapatória enquanto não tiver surgido uma nova consciência do homem, que o desperte, e com as forças mais primitivas de sua alma o impeça de fazer confusão entre o condicionado e o absoluto. E perceber o que é aparência e engano, e corrigi-lo”. **Martin Buber**

Eclipse de Deus – considerações sobre a relação entre a religião e a filosofia

Campinas, 14 de maio de 2020 em quarentena, ou em recolhimento.

Carlos Rodrigues Brandão.

Em seu livro “Diante do Outro cheio de perguntas: Uma coletânea de escritos sobre a pesquisa aplicada, a pesquisa participante, a pesquisa-ação-participante e a pesquisa militante”, que Carlos Brandão me encaminhou², ele aponta influências em sua militância, vida acadêmica, e apresento aqui o adendo que ele inseriu em seu livro (BRANDÃO, 2021:11) para sinalizar para uma conversa que não se encerra aqui:

Adendo:

Não sei se algum dia Paulo Freire colocou por escrito isto que ouvi dele mais de uma vez.

Certa feita no Chile, e no começo de seu ex-

ílio, ele foi a uma reunião com camponeses. Depois de se apresentar, ou de ser apresentado, ele teria dito que estava “ali” para conhecer algo da vida dos camponeses do Chile, e que gostaria de fazer a eles algumas perguntas.

Foi quando, antes de continuar a sua fala um dos homens presentes o interrompeu e perguntou: “Mas, professor, o que é uma pergunta?”. E Paulo nos dizia que aquela foi a sua mai surpreendente e sábia “lição de epistemologia”. Com o que concordará João Guimarães Rosa tal como o escrevo aqui.

Vivendo se aprende: mas o que se aprende mais,

é só ao fazer outras maiores perguntas.

Grande sertão: veredas

Rosa dos Ventos

Primavera de 2017

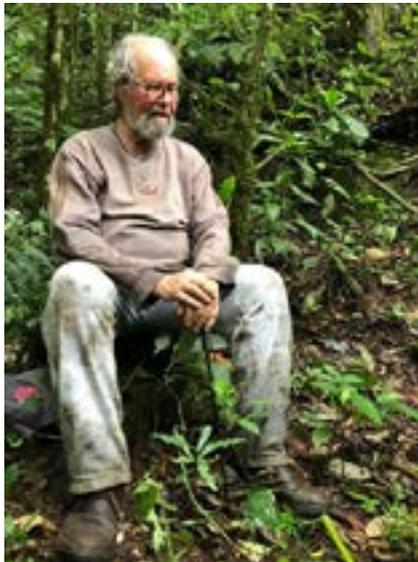


Foto acervo pessoal de Carlos Rodrigues Brandão, 2019,
em Canto das Águas, sul de Minas.

Notas:

1. <https://apartilhadavida.com.br/book/diante-do-outro-cheio-de-perguntas/>.
2. Encontra-se no site Partilha da vida: <https://apartilhadavida.com.br/book/diante-do-outro-cheio-de-perguntas/>.

Referências:

BRANDÃO, Carlos R. *Diante do outro cheio de perguntas: Uma coletânea de escritos sobre a pesquisa aplicada, a pesquisa participante, a pesquisa-ação-participante e a pesquisa militante*, 2021. (Acesso em 01/09/2021, <https://apartilhadavida.com.br/book/diante-do-outro-cheio-de-perguntas/>).

BRANDÃO, Carlos R. A pesquisa participante e a participação da pesquisa: um olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu. *Pesquisa participante: a partilha do saber*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006, p. 21-54.

BRANDÃO, Carlos R. *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRANDÃO, Carlos R. *Relatório de trabalhos, esperanças e inquietações no ano de 1982*. CEDI: Assessoria Publicações, Campinas, 1982.

BRANDÃO, Carlos R. *Relatório O Meio Grito – texto pastoral*, Goiás, 1979.

BARREIRO, Julio. *Educação Popular e Conscientização*, SP: Editora Vozes, 1980.

COSTA, Iraneidson S. *Que papo é esse?: intelectuais religiosos e classes exploradas no Brasil (1974-1985)*. Tese (Doutorado em História), UFBA, 2007.